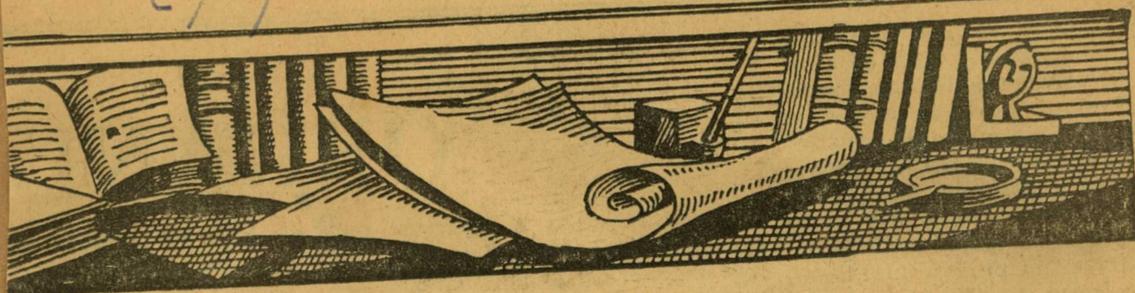


54/01104
Mário Carriaca
p. 5-6

Mário Carriaca

7/1/51

5



FICÇÃO

Sergio Buarque de Holanda

A RECENTE novela do sr. Antônio Olavo Pereira (*Contra-Mão*, Livraria José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1950), que recebeu o Prêmio Fábio Prado de romance para 1949, representa mais vivamente, talvez, do que qualquer outro livro brasileiro destes vinte anos, porque a representa em sua forma extremada, uma das famílias mais importantes — a introspectiva — em que se vai ramificando nossa prosa de ficção.

A corrente dominadora nos anos que precederam imediatamente, e sobretudo no decênio que sucedeu à revolução de 30, ajustava-se bem aos nossos gostos tradicionais de gente naturalmente extrovertida, que se detem com frequência nos aspectos mais ostensivos da realidade exterior. No caso, podia deter-se não só nos mais ostensivos como até nos mais gritantemente coloridos, e foi esta, sem dúvida, umas das razões para a acolhida amplamente favorável que a novela regionalista obteve de parte de nosso público leitor.

Em contraste com essa, o romance de vida interior dispôs sempre de raros cultores e apreciadores. Quase se pode dizer que nossa própria linguagem ainda não está muito habituada a exprimir a personalidade humana em seus refulhos mais íntimos e refratários à luz solar, pelo menos a exprimi-la de modo interessante e perfeitamente convincente.

E' certo que Machado de Assis, entre as gerações precedentes, pôde descobrir alguns recursos aparentemente aptos para a abordagem dessa realidade tão recalcitrante à nossa imaginação. E nos dias atuais é provavelmente o sr. Graciliano Ramos, melhor do

que ninguém, quem domina um arsenal próprio às vezes singularmente eficaz para a aventura interior.

Com todas as reservas que pode sugerir imagem tão grosseiramente mecânica, eu diria que em uma ou outra dessas duas correntes — a que se insere na "linha" machadeana e a mais recente, que procede largamente do autor de *São Bernardo* e de *Angústia* — distribuem-se os novelistas que, entre nós, embarcaram na mesma aventura. E ainda pode acontecer que consigam, dosando-as, com maior ou menor habilidade, associar ambas as tendências: será o caso, especialmente, do sr. Luiz Jardim, com suas *Memórias de Meu Tio Gonzaga*, publicada sem fins do ano passado.

E' CLARO que em tais comparações e confrontos entra sempre uma parcela de capricho, que não permite sejam elas tomadas inteiramente ao pé da letra. Servirão como pontos de referência mais ou menos prestativos para melhor se situar este ou aquele autor, mas que devem ser abandonados logo em seguida, sob pena de falsificarem qualquer perspectiva crítica. E' o que sucederia, por exemplo, se insistíssemos em demasia na circunstância de *Contra-Mão*, a novela do sr. Antonio Olavo Pereira, evocar-nos com certa frequência algumas páginas de Graciliano Ramos. A aproximação seria cabível, mas desenvolvida em todos os pormenores é muito possível que só servisse para obscurecer a indispensável contribuição do autor.

Também seria fácil notar que o sr. Antonio Olavo Pereira obedeceu, exacerbando-as muitas vezes,

certas tendências constantes de nossa novelística recente. Uma delas, por exemplo, o romantismo da desistência, que Mário de Andrade pôde assinalar em tantos dos nossos escritores — e não apenas dos nossos romancistas — atinge neste caso sua expressão aparentemente insuperável. Nem sequer o Gonzaga do sr. Luiz Jardim, onde parecia culminar a mesma tendência, alcança uma consciência tão aguda da própria desvalia e do próprio malogro como o protagonista que, logo ao começo das suas confissões, pode exclamar: "Nunca fui levado a sério na vida. Desmentido desde menino pelos mais velhos, pelos meus companheiros, pelos menores. Não sei o que me falta para me fazer respeitado. Não tenho firmeza em minhas convicções, minha palavra é frouxa e medrosa".

Contudo esse mesmo exasperamento cria, por sua vez, problemas que requerem uma solução pessoal. Gonzaga tem ao menos uma história externa que se desenvolve através de episódios filtrados pela lembrança e pela fantasia do narrador, mas guardam entre si uma unidade apreciável. Aqui só deparamos com farrapos de acontecimentos, esboços de ação frustrada, pontas de meadas que o personagem não tem como desfiar e que se vão embaraçar confusamente no pesadelo final. E essas "diversões" mais ou menos breves do perene solilóquio — a traição de Guiomar, as palestras na repartição, as próprias memórias de infância: a estaçãozinha à passagem do misto, Olga no côro da igreja, a confeitaria do espanhol, o avô moceiro e contudo caritativo, a aventura com a Rolinha — não significam para o triste Curió uma espécie de ditoso refrigério, complacentemente oposto à realidade de cada dia. A vida íntima não é, para êle, uma atração, é uma obsessão.

Continua no verso.

MAS essa vida, solitária e estanca, há de obedecer por força a um ritmo. O nexão dos fatos não pode atender à sequência universal e lógica. O tempo não anda, pelo menos não segue uma cronologia normal. E só à penúltima página consegue entrever, para o negrume dessa solidão, a alternativa possível de uma existência cronológica e sociável. Mas mesmo por essa janela dos fundos só nos será dado acompanhar os sonhos, não os passos do herói.

Tudo isso comporta necessariamente um tratamento — eu ia dizer uma técnica — *sui generis* e o ter sabido encontrá-lo e explorá-lo ao máximo é um dos méritos incontestáveis do autor. Mas parece escusado dizer que o fato de ter sabido realizar-se em *Contra-Mão* não nos assegura, desde já, que o sr. Antonio Olavo Pereira poderá, com igual êxito, servir-se de outros meios. E nem creio que se possa escrever duas vezes um livro como este.

Quanto à outra obra premiada ao mesmo tempo, a do sr. Leonardo Arroyo (*Viagem para Málaga*, Livraria José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1950), parece-me que fornece desde já, inclusive nas suas limitações, a medida do bom narrador, sobretudo do bom escritor. Não sei se será lícito particularizar: do bom contista. A arte do conto, que entre nós parece vir atravessando uma fase de eclipse, apesar de algumas tentativas meritórias para reabilitá-la, particularmente as do grupo de escritores em volta da *Revista Branca* do Rio de Janeiro, requer cada vez mais um esforço de concentração e tensão de que não encontramos exemplos muito convincentes na arte do sr. Arroyo. Chama atenção, quase infalivelmente, nestas histórias, o hábito do autor de produzir uma atmosfera de expectativa que se há de resolver de súbito, ao fim da narrativa, através de uma espécie de frase-chave.

HÁBITO que, embora eficaz, em alguns casos, pode, quando usado por sistema, tornar-se negativo e converter-se em "processo". Depois de um conto como "O Hóspede", que carrega ao final um desses apêndices explicativos ("duas semanas depois seu Antunes pediu-lhe com uma desculpa razoável para mudar-se") é bom reler uma página de Machado de Assis sobre tema quase idên-

(Conclui na 6.ª pág'na).

FICÇÃO

(Conclusão)

☆
tico — "A Missa do Galo" —, onde, no entanto, as diferentes partes se acham admiravelmente fundidas entre si, para se ter idéia do efeito que o autor de *Viagem para Málaga* quis suscitar, provavelmente, e não suscitou. Em outro caso, em "O Filho da Iniquidade", a revelação, na última frase, do mistério que envolve todo o entrelhecho chega a ser contraproducente em sua brutalidade. E' como se assistíssemos à desmontagem de algum mecanismo engenhoso cujo funcionamento podemos compreender perfeitamente sem essa providência.

Apresentando seu livro à comissão julgadora do concurso para o prêmio Fábio Prado, o sr. Leonardo Arroyo apenas pretendia — segundo sua confissão registrada na orelha da obra impressa — "experimentar se sabia escrever". E é possível que para essa experiência tenha escolhido um gênero literário que, na opinião mais comum e certamente falsa, requer pouco esforço e tirocinio. Não sei se o sr. Leonardo Arroyo escolheu, neste caso, o gênero de sua preferência ou o que melhor lhe convinha. Mas creio poder afirmar que algumas páginas de seu livro, particularmente do conto que dá o título ao livro, são de um verdadeiro escritor.

Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 — S. Paulo.

